

MARGARET ATWOOD: CONTANDO ESTÓRIAS, TRANSFORMANDO A HISTÓRIA

Marluce de Freitas Oliveira
UFMG

Resumo:

A análise da influência do nacionalismo e do feminismo nas obras de Atwood, especialmente em *O conto da aia* (*The Handmaid's Tale*, 1985), revela o alcance social e político da literatura. Comparado a obras como *1984*, de Orwell, e *Admirável Mundo Novo*, de Huxley, *O conto da aia* mostra como as utopias e distopias literárias feministas contribuem para a construção de identidades, para uma travessia dos posicionamentos passivos dos povos colonizados e para uma conscientização dos papéis impostos socialmente e dos instrumentos disponíveis na desconstrução das estruturas de poder.

A idéia da distinção entre estória e história, ficção e realidade e os demais pares binários de elementos opostos que constituem o pensamento ocidental, há muito vem sendo questionada e posta sob o olhar crítico da literatura e das ciências.

Um dos instrumentos para essa análise de conceitos binários é a teoria do ciborgue de Donna Haraway. Considerando o modelo ficcional de Haraway, *The Handmaid's Tale* de Atwood permite a análise de novas identidades, num mundo pós-gênero, no qual características biológicas e de gênero não mais servem para supostamente justificar a opressão. A opressão infligida à aia/handmaid pode ser vista sob a luz das teorias de desconstrução, enfatizando-se a consciência acerca do caráter manufaturado, fabricado da ciência.

Antes de entrar na análise propriamente dita, vale a pena lembrar Margaret Atwood tem a seu favor uma vasta produção que inclui cerca de quinze coletâneas de poesias, contos, livros infantis, não-ficção e até mesmo scripts de rádio e televisão. Tudo isto, mais seu conhecimento não só do Canadá, mas também de várias cidades do mundo, aliado a suas visões políticas, torna seu trabalho importante, tanto no Canadá quanto no cenário internacional.

No seu site na internet (www.owtoad.com), Atwood define *The Handmaid's Tale* como:

a dystopia – a negative utopia – and it belongs to the tradition of negative utopias, which in turn belongs to the tradition of utopias. This tradition goes back to Plato and the Book of Revelations and follows up through people like Jonathan Swift and Anatole France and William Morris, and many, many other works.

Acerca da gênese do livro em questão, Atwood diz que toda e cada prática descrita no romance aconteceu em algum lugar, em algum tempo, sendo retiradas do “registro histórico,” conforme indica o capítulo final do livro. Esse conhecimento da história é crucial para o entendimento da obra e enfatiza a preocupação do autor com o “fazer” da ciência, e a necessidade de reconhecer na história as origens de nossa situação social atual.

The Handmaid's Tale descreve a república de Gilead, num tempo futuro no qual uma vez que algumas mulheres se tornaram infertéis por causa da poluição, outras mulheres, jovens e não pertencentes à elite militar, são convocadas a gerar filhos para os militares, garantindo assim a continuidade da classe dominante. Tomando o episódio bíblico de Raquel e Jacó como inspiração e suposta justificativa, em Gilead as Handmaids ou aias cumprem o papel imposto à escrava de Raquel. Nesta passagem da Bíblia (Gênesis 30: 1-16), Raquel, vendo que não podia dar filhos a seu marido Jacó, toma sua escrava Bala e a oferece a Jacó, para que ela Todas as mulheres em Gilead são classificadas de acordo com suas funções naquela sociedade. Assim, enquanto as Handmaids estão encarregadas de gerar filhos, as Marthas são servas responsáveis pelos cuidados às Handmaids e pelo serviço doméstico. Há também as esposas das classes operárias, chamadas Econowives, que parecem exercer o papel tradicional de mãe, doméstica e anjo da casa. Já as esposas dos militares têm um papel figurativo e ressentidas da humilhante situação de manter uma Handmaid em casa, exercem um poder repressor sobre as aias. A outra categoria inclui as Aunts, ou Tias, cuja função é doutrinar as handmaids e zelar pelo sucesso da teocracia militar

instaurada em Gilead. Aqueles que não se submetem ao sistema e/ou não são aceitos por ele são mandados para trabalhar em colônias, onde o contato com materiais tóxicos e as péssimas condições levam à morte precoce. Há também os Angels, guardas encarregados de garantir a ordem e reprimir qualquer ato subversivo.

*Essa divisão de tarefas e a consequente redução dos indivíduos a funções contribui para a opressão e controle da população. No que tange ao tema da opressão, características biológicas têm sido usadas para supostamente justificar o domínio de uns sobre os outros. Em algum ponto da história, o “feminino” se tornou sinônimo de inferioridade. O conceito de alteridade em relação ao gênero pode ser encontrado primeiramente em *The Second Sex* (1953), de Simone de Beauvoir. Nessa obra de Beauvoir apresenta o desenvolvimento do conceito de alteridade a partir da idéia de Hegel sobre uma hostilidade fundamental em relação a toda e qualquer outra consciência. Beauvoir afirma que “alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano”. O problema começa quando “humanidade” é definida como masculina e a mulher é considerada somente como relativa ao homem. O homem é o essencial, o sujeito, enquanto a mulher é o acidental, o inessencial, o outro. A submissão do outro é estendida para supostamente justificar a corrente de opressão entre diferentes grupos, brancos sobre negros, homens sobre mulheres, mulheres brancas sobre mulheres negras, classe média sobre classe baixa, etc.) Assim, o que é diferente é associado à inferioridade, reafirmando a posição de agente, de sujeito do “um” e consequentemente, a posição de objeto do “outro”. Esse conceito de alteridade torna explícita a base para a suposta justificativa de todas as formas de opressão.*

*Para Beauvoir, a opressão baseada em características biológicas e científicas, por exemplo, no caso das mulheres, procura suporte na fraqueza física feminina, bem como numa deficiência moral e mental, conforme Aristóteles. Ainda em *The Second Sex*, a autora mostra como a opressão social, por sua vez, pode ser reconhecida quando se percebe a ideologia*

subjacente aos papéis sociais impostos, os quais reduzem indivíduos a categorias e funções: “one is not born, but rather becomes a woman” (1968: 249) (um indivíduo não nasce mulher, mas se torna mulher). Dessa forma o “mito da mulher como o outro”, segundo Beauvoir, é reforçado pelos papéis da mulher na sociedade patriarcal. Offred, a handmaid, tem consciência do estereótipo da mulher: “I wait. I compose myself. My self is a thing I must now compose, as one composes a speech. What I must present is a made thing, not something born”(62). (Eu espero. Eu me componho. O meu ser é uma coisa que agora eu devo compor, como alguém compõem um discurso. O que eu devo apresentar é algo feito, não algo nascido”.

Os temas de produção e reprodução estão no cerne dos problemas enfrentados pelas mulheres em Gilead e na sociedade em geral. Fundamentalmente as mulheres são vistas como um locos para a reprodução humana e para a reprodução da ideologia vigente. Em *The Handmaid’s Tale*, o corpo feminino é apropriado de uma forma abrupta e violenta. Offred nos relembra dessa apropriação diversas vezes durante a narrativa:

We are containers, it’s only the inside of our bodies that are important. The outside can become hard and wrinkled, for all they care, like the shell of a nut. This was a decree of the Wives, this absence of hand lotion. They don’t want us to look attractive. For them, things are bad enough as it is. (90) (Nós somos recipientes, somente o interior de nossos corpos é importante. O exterior pode se tornar duro e cheio de rugas, como a casca de uma noz. Isto era um decreto das Esposas, essa ausência de creme para as mãos. Elas não querem que nos tornemos atraentes. Para elas, as coisas já estão ruins o bastante como estão.

Em outra passagem, a narradora diz que “what we prayed for was emptiness, so we would be worthy to be filled: with grace, with love, with self-denial, semen and babies.”(182) (nós rezávamos pelo vazio, assim seríamos merecedoras de sermos preenchidas com graça, com amor, com abnegação, semen e bebês.” Essa apropriação, essa violência é supostamente justificada em termos patriarcais, fornecidos na estória de Raquel e Jacó. Assim como a colonização, o patriarcalismo objetifica o outro, o colonizado, e a mulher. Todas as formas de opressão procuram se justificar com base em fatos científicos, naturalizados e autenticados pela ciência.

Ficção científica e o ciborgue de Donna Haraway.

The Handmaid’s Tale apresenta uma sociedade modificada pela tecnologia e sob uma ordem diferente que inclui “novos” papéis sociais impostos. Para melhor perceber e expressar as mudanças no mundo exterior, o ato de contar estórias se apresenta um instrumento poderoso, conforme atestamos pela narrativa auto-reflexiva de *The Handmaid’s Tale*. Essa obra também se presta a uma análise da escritura de ficção científica. A definição comum de ficção científica é de uma prosa narrativa que assume um imaginário avanço tecnológico e científico, ou de uma narrativa que se baseia em uma mudança imaginária e espetacular no ambiente humano (Drabble 1029). A ficção científica geralmente traz às nossas mentes imagens de uma sociedade utópica com mais igualdade entre os indivíduos, em outros planetas, englobando outras formas de vida num ambiente diferente. Contrária a essa concepção, *The Handmaid’s Tale* pode ser chamada ‘distopia’, uma vez que apresenta uma visão pessimista do futuro.

Em relação aos papéis das mulheres, é possível analisar *The Handmaid’s Tale* sob a luz do conceito de ciborgue criado por Donna Haraway, especialmente no que tange à

apropriação do corpo feminino. No capítulo intitulado “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, Haraway define o ciborgue como sendo

um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção políticas mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. Os movimentos internacionais de mulheres têm construído aquilo que se pode chamar de “experiência das mulheres”. Essa experiência é tanto uma ficção quanto um fato do tipo mais crucial, mais político. A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade. O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica. (Antropologia 40)

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues.

O ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não-alienado. O ciborgue não tem qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior. Em certo sentido, o ciborgue não é parte de qualquer narrativa que faça apelo a um estado original, de uma “narrativa de origem (...) *Diferentemente das esperanças do*

monstro de Frankenstein, o ciborgue não espera que seu pai vá salvá-lo por meio da restauração do Paraíso, isto é, por meio da fabricação de um parceiro heterossexual, por meio de sua complementação em um todo, uma cidade e um cosmos acabados. O ciborgue não sonha com uma comunidade baseada no modelo da família orgânica mesmo que, desta vez, sem o projeto edípico. O ciborgue não reconheceria o Jardim do Éden; ele não é feito de barro e não pode sonhar em retornar ao pó.

(...) Retornarei, no final deste ensaio, à ficção científica dos ciborgues, mas quero assinalar, agora, três quebras de fronteira cruciais, as quais tornam possível a análise político-ficcional (político-científica) que se segue. Na cultura científica estadunidense do final do século XX, a fronteira entre o humano e o animal está completamente rompida. Caíram as últimas fortalezas da defesa do privilégio da singularidade (humana) – a linguagem, o uso de instrumentos, o comportamento social, os eventos mentais, nada disso estabelece, realmente, de forma convincente, a separação entre o humano e o animal. (...) Ao longo dos últimos dois séculos, a biologia e a teoria da evolução têm produzido os organismos modernos como objetos de conhecimento, reduzindo, simultaneamente, a linha de separação entre os humanos e os animais a um pálido vestígio, o qual se expressa na luta ideológica ou nas disputas profissionais entre as ciências da vida e as ciências sociais.

As máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado, podendo-se dizer o mesmo de muitas outras distinções que costumavam aplicar aos organismos e às máquinas. Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes.

“Quero concluir com um mito sobre identidades e sobre fronteiras, o qual pode inspirar as imaginações políticas do final do século XX. “

O conceito pós-moderno de responsabilidades iguais entre autor e leitor na construção de significado., através da linguagem, experiência e visão crítica da política subjacente a toda escritura. Isto pode ser percebido na interação entre a narradora, a handmaid e os leitores a quem ela se dirige. A Handmaid continuamente relembra seus leitores da sua incerteza acerca dos fatos narrados, acerca da sua inconfiabilidade. Nós, os leitores, queremos ouvir a sua estória, ainda que esta não seja confiável. É interessante notar que no último capítulo chamada “historical notes” em que é apresentado um diferente e novo aspecto da estória, apesar de tentar fornecer uma análise científica e histórica do conto e assim enfatizando a inconfiabilidade do narrador, contribui para fortalecer a cumplicidade entre narrador e leitor. A percepção de que a estória é um artefato, algo construído, nos ajuda a perceber que as afirmações apresentadas no capítulo “historical notes” são igualmente duvidosas e questionáveis. A consciência da natureza instável da linguagem leva ao reconhecimento da presença da política subjacente em toda narrativa. O autor e narrador pós-moderno são artesãos que estruturam suas narrativas de forma a instigar seus leitores a fazer uma interpretação crítica, a assumir sua quota de responsabilidade na construção de significados.

A ideologia inerente à linguagem, a linguagem sendo historicamente um artefato patriacalista, conforme mencionado na Bíblia (no Princípio era a Palavra João 1:1) , e culturalmente e socialmente reproduzido e enfatizado através dos tempos.

No que tange à divisão entre Ciência ou Cultura versus Natureza nas fundações da filosofia ocidental, teoria dos ciborgues de Donna Haraway se adequa perfeitamente à narrativa e ao mundo em que vivemos. A sua proposta por um mundo pós-gênero , no qual os ciborgues como seres híbridos não têm nenhum compromisso com a recuperação do paraíso, de retorno a uma união totalizante com o Cosmos e um mundo onde tais hierarquias não mais são possíveis, uma vez que as fronteiras foram borradas, soa a princípio como algo estranho e absurdo, mas

numa análise mais cuidadosa, é uma proposta bastante charmosa. Como na epígrafe de Swift, retirada de *Modest Proposal*, bem como no provérbio Sufi, tomando as palavras de Offred, “em circunstâncias reduzidas nada soa absurdo, uma vez que o contexto é tudo. O surpreendente na teoria de Haraway é o fato de que o ciborgue é algo presente entre nós. Não é somente uma questão de ficção científica, uma vez que o mundo real é permeado por elementos há pouco tempo considerados “utópicos”(avanços na engenharia genética, telecomunicações).

O controle do homem sobre a natureza, o que antes significava progresso, tem se mostrado, de fato, mais perigoso do que se podia imaginar. Controle tem significado destruição e destruição da natureza necessariamente leva à destruição da humanidade. Não podemos cometer o mesmo engano de Offred em sua vida antes de Gilead, isto é, pensar que acontecimentos absurdos são ordinários, são somente histórias nos jornais. “We lived in the gaps between the stories”. O fato é que realidade e ficção têm suas fronteiras tão borradas que ninguém pode permanecer estável e crer estar a salvo num ou noutro lado da barreira. Tanto na vida real como nas narrativas, há que se tomar uma posição, ter uma visão crítica e estar atento aos riscos. Reconhecer as verdades ficcionalizadas impostas.

Comunicação, e a escrita, são a tecnologia dos ciborgues. Haraway defende a necessidade de “seize the tools to mark the world that marked people as the others to displace the hierarchical dualisms of naturalized identities. Como uma autora ciborguiana, Atwood reconta a origem dos mitos, subvertendo-os, mas também assumindo responsabilidade no processo de dominador-dominado. A autora canadense não se admite como vítima inocente, ela incita a todos que contem suas histórias, que revelem as ideologias e as políticas de representação. Offred se lamenta por estar contando uma história tão triste, mas admite seus erros e fraquezas, como por exemplo sua atração por Nick, o motorista. Em sua vida anterior, ela foi amante e continua como tal ao exercer a função de Handmaid.

O ato de contar histórias nos ajuda a fazer sentido dos mundos internos e externos, e no caso de Offred, se presta a evitar a perda de sanidade e reter a habilidade de reverter a situação caóticas das relações sociais. A opressão exercida sobre o gênero, raça e classe não é mais aceitável num tempo de tamanho avanço tecnológico. Através do seu contar, da sua narrativa, Offred usa o mesmo instrumento da ordem patriarcalista, isto é, a palavra, através da qual encontra novas identidades pra si própria (como atestam suas diferentes versões para um mesmo fato, por exemplo)

Uma vez que comunicação e informação equivalem a poder, seria interessante encontrar os traços positivos de humanidade nos ciborgues de hoje, ainda que isso soe contraditório. Não uma essência, que é o que se busca desconstruir, mas o desejo de fazer contato, de se conectar com os outros como os ciborgues de Haraway fariam e como Offred faz: “I tell, therefore you are.”, subvertendo o racionalismo de Descartes em seu “cogito ergo sum”. As máscaras impostas devem não somente serem retiradas mas analisadas, feitas em pedaços e novamente reorganizadas, continuamente, num processo infindável.